

## Conversas da rua

— Não sabe D. Joaquina, o que D. Amelia disse do meu genro em caza do *Sobredelegado*?

— Não, D. Maria, o que foi?

— Disse que o meu genro era um perdido, coberto de vicios, jogador e que nunca vinha para a caza senão cahindo de bebado!

— Vejão só que calumnia! Um rapaz que o unico vicio que tem é padecer *dos callos*!

×

— Senhora Joaquina sabe quem morreo hontem?

— Não, senhora Miquelina.

— Foi o João da Cruz, casado com a Maria Telles...

— Coitado! de que, Senhora Miquelina?

— De umas febres *perciozas*... O medico disse que das febres elle escapava, *mas porém* veio o *suicidio* e... não houve remedio.

×

— O' lá Sr. João, o Sr. tem massa encephalica?

— Homem, meu pai dizem que tinha; mas eu, para fallar a verdade, nunca padei d'essa molestia.

## Os cantos tropicaes e a critica

Não valeu a pena a franqueza e a inteira imparcialidade com que nós, unicos, fallamos do ultimo livro de Thiophilo Dias.

A nossa opinião conglobou sobre nossas humildes mas independentes individualidades as bilis e os rancores de uns, as malquerenças e as diffamações de outros e finalmente os insultos de alguns; fomos ameaçados em nossas pessoas e em nossa dignidade.

Fomos assumptos de commentarios innumeraveis, uns tolos e outros por demais impertinentes e pretenciosos, fomos enfim as victimas das nossas opiniões, dos nossos sentimentos sobre os *Cantos Tropicaes*.

Acreditamos não ser banal nem esteril este facto que se acaba de dar em referencia a critica entre nós. Elle veio provar bem alto até que ponto tem descido aquillo que nós taxamos de litteratura nacional e até onde tem subido as pretensões dos noveis escriptores, os quaes se julgam invulneraveis e sagrados á critica leal, franca e delicada dos poucos que têm a virtude da franqueza e da independencia.

Escrevemos o que sentimos e o que pensamos sobre o livro de Theophilo Dias; em tudo o que dissemos não ha o vislumbre de uma offensa, a sombra de um despeito.

Dissemos que Theophilo tinha uma divida sagrada

para com o publico, estampada em seu penultimo livro a *Lyra dos verdes annos*: — " Por motivo que não vem ao caso referir, este livro, que devêra ser publicado em fins de 1876, só agora, ao cabo de quasi dous annos, apparece. Sirva esta declaração de desculpa ao author, que pensava de modo muito diverso do que hoje, quando compoz estes versos. "

Nestas palavras o poeta firmava um compromisso solemne para com o publico — o de dar um livro melhor, mais adiantado do que o que então lançava ao publico; Theophilo Dias, porém, não realisou a sua promessa. No seu novo volume de versos não resalta adiantamento algum, as idéas são as mesmas, o estylo o mesmo.

Não deixamos entretanto de confessar que o poeta era já um moço conhecido no mundo das letras, um talento promettedor e que algumas de suas producções erão recommendaveis.

Eis aqui o que dissemos concernente aos *Cantos Tropicaes* e hoje repetimos: — sim, o novo volume de Theophilo encerra algumas bellezas e mesmo uma ou outra pagina elegante, porém ha pouca idéa. Na maior parte de suas producções faltam-lhe gosto e stylo inteiramente.

E' isto um peccado, esta nossa franqueza é uma offensa?

Porque então somos victimas de injustiças, de calumnias e de rancores?

Ah! é porque não fazemos parte d'essa guarda avançada de *suissos* litterarios, verdadeiros *batedores*, d'esses *critiques* — *ingénieurs*, como os chamava Sainte-Beuve; é porque não aplainamos o caminho para os embriões litterarios, é porque não somos influenciados senão pelo nosso espirito!

A critica do novo nucleo litterario, não é por certo aquella que exerce o seu dever com zelo, dignidade e coragem; que combate adversarios com as verdadeiras doutrinas, que procura demonstrar que ha alguma cousa possivel fora do systema antigo, que este seculo deve ter a sua litteratura como tem o seu drama, e a sua historia.

A critica que hoje estende-se no jornalismo brasileiro, com referencia as producções artisticas, litterarias e scientificas não é mais do que um grupo de *batedores*, ou para melhor entendermo-nos, um corpo de engenheiros que trata de abrir caminho para o novo *genio*, de estabelecer o seu Pantheon e organizar um exercito de louvaminheiros que o deve seguir.

Esta é a critica a que os novissimos productores da litteratura nacional estão uzeiros; esta é a critica que tem prostituido tantos talentos pujantes e reaes.

Neste cazo a boa, franca e independente critica deve entrincheirar-se e atirar sobre as falsas pretensões, sobre os talentos triviaes.

Mais tarde, muitos d'esses *criticos-engenheiros* se hão de arrepender e envergonhar do seu proprio trabalho. Elles que suppunham ter aberto caminho á um exercito intelligente e civilizado, reconhecerão que apenas trabalharam para a invasão de barbaros.

A falsidade historica, a absoluta carencia de estudos, a falta de sentimento e de paixão, a influencia primordial de imitação eis a morte e o esphacelamento dos talentos da nova geração.

X

Não quizemos offender a Theophilo Dias, desejávamos tão sómente arrancal-o das garras da critica louvaminheira e banal que lhe podia ser fatal, e que já lhe é prejudicial, instigando-o ao estudo e ao trabalho.

Não nos julgaram, porém, com justiça, com delicadeza e cavalheirismo, e até um novo forriell litterario, o Sr. Silva Jardim, quiz atirar-nos a sua pedra.

E' curioso! Qualquer moço que envia ao publico uma producção, pede que a imprensa, usando de sua franqueza e independencia, declare-se sobre o seu trabalho. Desde logo espera que a critica lhe será benevola, porque ella, alimentada nos falsos principios que ora vigora entre os moços de talento, não faz mais que o seguinte: Chega em caza toma um escalda-pés, uma tisana, embrulha-se e dá a luz:

— "Recebemos hontem um volume de poesias (ou proza) sob o titulo tal, do talentoso, distincto e intelligente escriptor Fulano.

Este trabalho faz com que o seu autor grangeie lugar proeminente na litteratura patria."

E' esta a critica, com poucas variantes, que o novo talento espera e por isso mesmo são apedrejados aquelles que ainda têm a precisa coragem de erguerem-se bem alto e poudarem as falsas papoulas. Com o referido systema de critica é impossivel, separar o joio do trigo, e nós declaramos, alto e bom som, que partimos com ella e de lança enriste esperamos todas as producções dos novos talentos, promptos a fazer-lhes a merecida justiça.

Foi exactamente isto o que fizemos aos *Cantos Tropicaes*, cujo author conhecemos, não de hoje, mas desde o tempo que em Maranhão deu a luz a um pequeno folheto, em que colleccionou os seus primeiros trabalhos e depois viemos encontral-o occupando as columnas ineditoriaes da *Reforma* sob o nome de Mesquita.

Não desejamos hoje, nem nunca, mal algum a Theophilo Dias e é por essa razão que lhe pedimos que não nos olhe como inimigos mas sim como amigos e admiradores de seu talento.

Que trabalhe, que estude, o que lhe falta ainda muito, e não obstante os humildes e pequenos espiritos o sagrarem já um grande poeta, não os acredite.

Sem o trabalho e o estudo não é possivel seguir o impulso das idéas modernas e sans e unir-se em um grupo vigoroso e forte, a fim de regenerar e estabelecer as condições para a verdadeira litteratura nacional.

FRANCK.

**Confidencias.**

( À GUSTAVO FONTOURA )

Oh! que sandalo respiro  
Quando me vejo a teu lado!  
O olhar meu que se derrama  
Sobre o solo aveludado  
Do teu seio virginal,  
Tem a chispa, o ardor, a chamma

De um raio do sol de Agosto,  
Que beija o pallido rosto  
De marmorea cathedral.

X

Uma vez mordi-te as tranças;  
N'essas duas tranças pretas  
Bebi annos de esperanças,  
Com perfume de violêtas.

Mordi sim, mas por despeito,  
Por não te poder beijar  
Um só globo de teu peito,  
Mais suave que o luar...

Dirão que o caso é ligeiro,  
Muito simples... e depois?  
Passamos um méz inteiro  
Sem nos fallar-mos, nós dois!

Foi barbaro o meu castigo!  
Tinhas tu razão? talvez...  
Mas que tempo mal commigo!  
Foi um seculo aquelle mez.

X

Na noite em que vaes ao baile  
Eu sinto angustias estranhas!  
Parece que sobre o peito  
Pezão-me grandes montanhas!

Eu não vou; mas a minh'alma  
Imitando a turba falsa,  
Creança, sem que tu sintas,  
Dansa contigo uma walsa.

X

Quando nas céas devasças  
Eu olho para as Phrinés,  
Que não são os grãos d'aréa  
Que pizão teus lindos pés;

Ao ver a tua innocencia,  
Minha candida açucena,  
Penso e tenho consciencia  
Que o meu olhar te envenena.

LINS D'ALBURQUERQUE